

Contagem regressiva para a extinção

O que será necessário para que as empresas tomem uma atitude?

“Há muitas políticas e tecnologias que vão limitar o aumento da temperatura global e abordar a conservação e o uso sustentável da biodiversidade. Elas também vão ser nossa última e melhor chance de limitar as mudanças climáticas induzidas pelo homem e preservar a maior quantidade de biodiversidade possível. A forma como produzimos e usamos energia, cultivamos, usamos os solos, protegemos os ecossistemas costeiros e tratamos nossas florestas não só vai salvar ou condenar nosso futuro, mas também pode nos ajudar a ter uma melhor qualidade de vida.

Ainda temos tempo, embora muito limitado, para mudar as coisas. Não vai ser fácil. Mudanças enormes vão ser necessárias: desde a remoção de subsídios que levam à destruição da natureza e aquecimento futuro da Terra, até a promulgação de leis que encorajem a proteção da natureza; de reduzir nosso vício crescente em energia fóssil e consumo de recursos naturais a repensar a definição de uma vida recompensadora.

Nosso atual sistema agrícola está quebrado. Se continuarmos produzindo alimentos usando as atuais práticas agrícolas insustentáveis, vamos prejudicar a futura produção de alimentos. Apesar de já termos comida mais do que suficiente para todos, hoje, 815 milhões de pessoas vão dormir com fome, 38 milhões a mais do que em 2015. No entanto, se o desperdício de comida fosse um país, suas emissões ficariam em terceiro lugar no mundo, depois da China e dos EUA, produzindo 8% das emissões causadas pelo homem.

Precisamos redirecionar os subsídios do governo para uma agricultura mais sustentável e regenerativa. Isso não só contribuirá para absorver carbono e reduzir as emissões de outros gases de efeito estufa, mas também pode parar uma trajetória assustadora em que as terras agrícolas estão tão sobrecarregadas que acabam parando de produzir.

Nós simplesmente não podemos arcar com o custo da inação. A mudança da magnitude necessária vai significar uma vida diferente para todos, mas os custos de não fazer nada são muito maiores.”^[1]

Professor Sir Robert T. Watson FRS, Presidente do IPBES

[i] Watson R (2019) Watson R (2019) 'Loss of biodiversity is just as catastrophic as climate change' 6
May 2019 The Guardian
<https://www.theguardian.com/commentisfree/2019/may/06/biodiversity-climate-change-mass-extinctions>

Sumário executivo: parem de destruir ou desapareçam!

*“Declínio perigoso da natureza sem precedentes
Taxas de extinção de espécies aumentando
Resposta global atual insuficiente
Mudanças transformadoras necessárias para restaurar e proteger a natureza
Conflito de interesses pode ser superada para o bem público
A maior avaliação global do tipo
Um milhão de espécies ameaçadas de extinção”¹*

Plataforma Intergovernamental sobre Biodiversidade e Serviços Ecossistêmicos (IPBES)

As mudanças climáticas e a sexta extinção em massa no mundo - ambos resultados do consumo excessivo de recursos naturais pelos seres humanos - são as duas maiores ameaças que a humanidade enfrenta. Cientistas advertem que já estamos sentindo os impactos das mudanças climáticas antropogênicas,² e cerca de um milhão de espécies estão agora em risco de extinção.³

Os desastres ecológico e climático compartilham muitos dos mesmos fatores, como a destruição de florestas e outros ecossistemas naturais pela agricultura industrial. Cerca de 80% do desmatamento global é resultado da produção agrícola,⁴ que também é a principal causa da destruição de habitats.⁵ A agropecuária – pecuária e produção de grãos para ração animal – é

¹IPBES (2019) “Media release: Nature’s dangerous decline “unprecedented”; species extinction rates “accelerating”” <https://www.ipbes.net/news/Media-Release-Global-Assessment>

²IPCC (2018) “Summary for policymakers” no relatório especial “Global warming of 1.5°C” [Masson-Delmotte V et al, eds], Organização Meteorológica Mundial
https://report.ipcc.ch/sr15/pdf/sr15_spm_final.pdf

³IPBES (2019) “Media release: Nature’s dangerous decline “unprecedented”; species extinction rates “accelerating”” <https://www.ipbes.net/news/Media-Release-Global-Assessment>

⁴Kissinger G, Herold M e De Sy V (2012) “Drivers of deforestation and forest degradation: A synthesis report for REDD+ policymakers”
https://assets.publishing.service.gov.uk/government/uploads/system/uploads/attachment_data/file/65505/6316-drivers-deforestation-report.pdf p. 11

⁵“Para os ecossistemas terrestres e de água doce, as alterações do uso da terra têm tido o maior impacto negativo relativo na natureza desde 1970, seguido da exploração direta, em particular da superexploração, de animais, plantas e outros organismos principalmente através da colheita, exploração madeireira, caça e pesca. (...) A expansão agrícola é a forma mais difundida de mudança no uso da terra, com mais de um terço da superfície terrestre sendo usada para cultivo ou criação de animais. Essa

uma das grandes responsáveis pelo desmatamento,⁶ além de também responder por aproximadamente 60% das emissões globais diretas de gases do efeito estufa (GEE) da agricultura.⁷

Parar o desmatamento e restaurar as florestas do mundo é a forma mais rápida e barata de reduzir as emissões de GEE e garantir a rápida absorção de carbono.

Na Conferência das Nações Unidas sobre Mudanças Climáticas de 2010, em Cancun, membros do Fórum de empresas Bens de Consumo (*The Consumer Goods Forum* - CGF) se comprometeram a eliminar o desmatamento de suas cadeias até 2020, por meio do fornecimento responsável das *commodities* mais ligadas à destruição florestal: soja, gado, óleo de palma e papel e celulose.⁸

No entanto, apesar desses compromissos, a produção global de commodities continua sendo uma das principais causas da destruição florestal. Análises realizadas pelo Greenpeace⁹ sugerem que até o início de 2020, cerca de 50 milhões de hectares de floresta – uma área do tamanho da Espanha¹⁰ (ou quase do tamanho de Minas Gerais) – terão sido destruídos para a produção mundial de commodities desde que essas promessas foram feitas, em 2010.¹¹

expansão, junto com a duplicação da área urbana desde 1992 e uma expansão sem precedentes da infraestrutura ligada ao crescimento da população e do consumo, veio principalmente à custa das florestas (principalmente florestas tropicais antigas), zonas úmidas e pradarias. Fonte: Díaz S et al (2019) “Summary for policymakers of the global assessment report on biodiversity and ecosystem services of the Intergovernmental Science-Policy Platform on Biodiversity and Ecosystem Services, advance unedited version”, 6 de maio de 2019

https://www.ipbes.net/system/tdf/spm_global_unedited_advance.pdf?file=1&type=node&id=35245 p. 4.

⁶Fearnside P (2017) “Deforestation of the Brazilian Amazon’ Oxford Research Encyclopedia of Environmental Science” <https://doi.org/10.1093/acrefore/9780199389414.013.102>

⁷IPCC (2014) “Climate change 2014: Mitigation of climate change’ Cambridge University Press https://www.ipcc.ch/site/assets/uploads/2018/02/ipcc_wg3_ar5_full.pdf p. 822-824. O total de emissões agrícolas diretas é de ~ 5,8 GtCO₂e/ano. Os produtos de origem animal (todas as emissões de gado) são responsáveis por:

- 2,1 GtCO₂e/ano da fermentação entérica de animais
- 0,99 GtCO₂e/ano de estrume
- 0,34 GtCO₂e/ano de emissões de fertilizantes (de 0,68 total; pelo menos 50% são diretamente para ração)

O total de emissões diretas do gado (industrial ou não), portanto, é de 3,43 GtCO₂e/ano, o que representa 59% do total de emissões agrícolas diretas.

⁸ Site do Fórum de Bens de Consumo “Deforestation”

<https://www.theconsumergoodsforum.com/initiatives/environmental-sustainability/key-projects/deforestation/>, acessado em 26 de maio de 2019

⁹Neste relatório, menções ao “Greenpeace” devem ser lidas como referências ao Greenpeace International, a menos que indicado de outra forma.

¹⁰ Site da Agência Central de Inteligência “The World Factbook: Spain”

<https://www.cia.gov/library/publications/the-world-factbook/geos/sp.html> accessed 26 May 2019

¹¹Análise do Greenpeace, com base em dados de Curtis PG et al (2018) “Classifying drivers of global forest loss”, *Science* 361: 1108–1111 <http://science.sciencemag.org/content/361/6407/1108>, mostra que 30 milhões de hectares de desmatamento permanente durante os seis anos de 2010 a 2015 foram atribuídos à agricultura e à produção de outras commodities. Este valor (25% da perda global de

Enquanto isso, o comércio de *commodities* de alto risco (aquelas que podem estar ligadas aos desmatamento e/ou destruição de outros ecossistemas naturais, além de conflitos sociais para sua produção) cresceu: desde 2010, a área plantada com soja no Brasil aumentou 45%,¹² a produção de óleo de palma na indonésia aumentou 75%¹³ e a pegada ecológica de cacau da Costa do Marfim cresceu 80%.¹⁴ O pior ainda está por vir: estima-se que, até 2050, o consumo global de proteína animal - bovina, aves, porcos, peixes, laticínios - (e, portanto, a produção) também deverá aumentar em 76%,¹⁵ a produção de soja em quase 45% e a produção de óleo de palma em quase 60%.¹⁶

No início de 2019, o Greenpeace pediu para mais de 50 empresas de bens de consumo de diversos setores - varejistas, fabricantes de alimentos, comercializadores de grãos e frigoríficos - a demonstrar seu progresso para acabar com o desmatamento, divulgando seus fornecedores de soja, gado, laticínios, óleo de palma, papel e celulose e cacau. Nem uma empresa sequer foi capaz de demonstrar esforço significativo para erradicar o desmatamento de sua cadeia de fornecimento. Dados das poucas empresas que divulgaram seus fornecedores de *commodities* indicam que são todos provenientes de comercializadores de grãos ou grupos de produtores envolvidos na destruição de florestas.

O consumo excessivo de carne e laticínios é um fator subjacente à destruição da floresta, tanto para pastagens quanto para lavouras destinadas à produção de rações animais. No entanto, as empresas questionadas nem sequer sabiam informar o volume ou a origem da ração animal em suas cadeias de fornecimento de carnes e laticínios – uma significativa omissão, já que a soja é a segunda maior causa do desmatamento global¹⁷, sendo que 90% da soja produzida no

cobertura de árvores) inclui o desmatamento para infraestrutura de energia e mineração, bem como culturas e pastagens. A taxa anual durante este período não mostra nenhuma tendência clara; se a média de 5 milhões de hectares por ano tiver continuado nos quatro anos de 2016–2019, 50 milhões de hectares terão sido perdidos até 2020.

¹²De 23,3 milhões de hectares em 2010 para 33,9 milhões de hectares em 2017. Fonte: Site FAOSTAT “Crops” <http://www.fao.org/faostat/en/#data/QC>.

¹³De 23.600 toneladas métricas em 2010 para 41.500 toneladas métricas em 2017. Fonte: Site do IndexMundi “Indonesia palm oil production by year” <https://www.indexmundi.com/agriculture/?country=id&commodity=palm-oil&graph=production>, com base em dados de <https://www.fas.usda.gov/commodities/oilseeds>.

¹⁴Site FAOSTAT “Crops” <http://www.fao.org/faostat/en/#data/QC>, acessado em 20 de maio de 2019

¹⁵Alexandratos N & Bruinsma J (2012) “World agriculture towards 2030/2050: The 2012 revision” Artigo acadêmico da ESA N.º 12-03, Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura, <http://www.fao.org/3/a-ap106e.pdf>

¹⁶FAO (2018) “The future of food and agriculture – Alternative pathways to 2050”, Roma <http://www.fao.org/3/I8429EN/i8429en.pdf>. Os dados foram acessados através do banco de dados on-line vinculado a este relatório

(<http://www.fao.org/global-perspectives-studies/food-agriculture-projections-to-2050/en>). Todos os valores utilizados referem-se ao cenário de funcionamento normal, comparando o ano base de 2012 com as projeções para 2050.

¹⁷Henders, S, M Persson, T Kastner (2015) “Trading forests: land-use change and carbon emissions embodied in production and exports of forest-risk commodities”, Environmental Research Letters, Volume

mundo é usada para ração animal.¹⁸ Além disso, muitos gigantes do ramo alimentício estão expandindo agressivamente para novos mercados e regiões, onde o consumo de carne e laticínios está abaixo da média,¹⁹ estimulando o aumento de consumo de alimentos ultraprocessados e dietas ricas em carne que os nutricionistas alertam ser uma ameaça para a nossa saúde.²⁰

Temos pouco mais de uma década para controlar as emissões de gases de efeito estufa, se quisermos limitar o superaquecimento global a menos de 1,5 °C.²¹ A prevenção do colapso climático e ecológico exigirá mudanças transformadoras na maneira como as florestas são manejadas e na produção de commodities agrícolas. Demandará ainda redução drástica no consumo de carne e laticínios e a eliminação gradual de biocombustíveis²².

A responsabilidade recai sobre empresas que usam *commodities* de alto risco, como soja, carne bovina e óleo de palma para que demonstrem que suas cadeias de fornecimento não causam desmatamento. As empresas também devem reduzir o uso de carne e laticínios em seu portfólio de produtos, levando a uma redução de mais de 70% no consumo per capita em áreas de alto consumo, como a América do Norte e a Europa Ocidental, até 2030.²³ Isso

10, Número 12, de 22 de dezembro de 2015, p. 6

<https://iopscience.iop.org/article/10.1088/1748-9326/10/12/125012/pdf>;

CE (2013) “The impact of EU consumption on deforestation: Comprehensive analysis of the impact of EU consumption on deforestation”, estudo financiado pela Comissão Europeia, DG ENV, e realizado pela VITO, IIASA, HIVA e IUCN NL, Relatório Técnico n.º 2013-063

<http://ec.europa.eu/environment/forests/pdf/1.%20Report%20analysis%20of%20impact.pdf>

¹⁸ Sharma S, IATP e Schlesinger S (2017) “The rise of big meat: Brazil’s extractive industry”

https://www.iatp.org/sites/default/files/2017-11/2017_11_30_RiseBigMeat_f.pdf p. 25

¹⁹ Khaitan R (2017) “These 5 US fast food chains are showing big appetites for emerging markets”, 06 de agosto de 2017, Frontera

<https://frontera.net/news/global-macro/these-5-us-fast-food-chains-are-showing-big-appetites-for-emerging-markets>

Bell D & Shelman M (2011) “KFC’s Radical Approach to China” Harvard Business Review

<https://hbr.org/2011/11/kfcs-radical-approach-to-china>

Oxfam (2016) “Precarious Lives: Food, Work and Care After the Global Food Crisis”

https://opendocs.ids.ac.uk/opendocs/bitstream/handle/123456789/12190/PrecariousLives_Online.pdf?sequence=6

²⁰ Bahadoran Z, Mirmiran P & Azizi F (2015) “Fast Food Pattern and Cardiometabolic Disorders: A Review of Current Studies, Health Promotion Perspectives”, Volume 5, Número 4, de 30 de janeiro de 2016, p. 231-40 <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC4772793/>

²¹ IPCC (2018) “Summary for policymakers” no relatório especial “*Global warming of 1.5°C*”

[Masson-Delmotte V et al, eds], Organização Meteorológica Mundial

https://report.ipcc.ch/sr15/pdf/sr15_spm_final.pdf

²² O Greenpeace não apoia o uso da terra para a produção de culturas destinadas à fabricação de bioenergia, inclusive a extração de árvores. Consulte Greenpeace (2018) “Greenpeace position on bioenergy” em

<https://storage.googleapis.com/planet4-eu-unit-stateless/2019/03/cd081168-201811-greenpeace-bioenergy-position.pdf>.

²³ Em consonância com as metas alimentares da comissão EAT-Lancet e do Greenpeace (2018) “Less is more: Reducing meat and dairy for a healthier life and planet”

<https://www.greenpeace.org/international/publication/15093/less-is-more/>

significa substituir os produtos à base de aves e ovos, porcos, laticínios e carne bovina produzidos industrialmente por alimentos vegetais saudáveis e acessíveis para toda a população.

Estamos passando por uma emergência climática e ecológica. As empresas que não estão dispostas ou não conseguirem fazer o que é necessário para consertar o comércio global de commodities e acabar com a destruição de florestas em suas cadeias de suprimento devem, pelo menos, evitar totalmente as commodities de alto risco.

Amazônia brasileira: a batalha contínua por proteção

Quinze anos atrás, a Amazônia brasileira estava no auge do desmatamento. O setor da pecuária industrial foi o principal responsável, com a área de pastagem quadruplicando entre 1985 e 2004.^[i] Em 2017, somente no bioma Amazônia, 44,4 milhões de hectares^[ii] ^[iii] foram classificados como pastagens, representando um aumento adicional de 18% desde 2004^[iv] (embora a área total esteja bastante estável desde 2009^[v]). Um estudo detalhado em 2017 descobriu que 71% de todo o desmatamento na Amazônia Legal brasileira^[vi] entre 2000 e 2013 foi convertido em pastagens.^[vii]

A indústria da soja também foi responsável direta e indiretamente pelo desmatamento. Quase 30% da expansão de soja na Amazônia entre 2004 e 2006 se deu às custas do avanço da fronteira de produção sobre a maior floresta tropical do mundo, e não através da conversão de pastagens ou outras terras previamente desmatadas.^[viii]

Em 2006, uma campanha do Greenpeace expôs a ligação entre o desmatamento na Amazônia e a expansão da soja.^[ix] Em resposta, as principais empresas comercializadoras de soja e organizações da sociedade civil lideradas pelo Greenpeace Brasil, (posteriormente em 2008 o governo brasileiro por meio do Ministério do Meio Ambiente e Banco do Brasil) concordaram em implementar a Moratória da Soja:^[x] um compromisso voluntário de não comprar soja de fazendas na Amazônia brasileira que tivessem desmatado depois de julho de 2006 (revisado para julho de 2008, em 2014).^[xi] Após várias extensões temporárias, a moratória foi renovada indefinidamente em 2016.^[xii]

Em 2009, investigações do Greenpeace Brasil e uma série de intervenções do Ministério Público Federal expuseram as ligações entre o setor da pecuária com o desmatamento na Amazônia. Os quatro maiores frigoríficos do Brasil concordaram em não comprar animais de fazendas envolvidas com desmatamento na Amazônia ou práticas que violam direitos humanos. Apesar do progresso inicial, incluindo a criação de sistema privado de monitoramento geográfico de fazendas fornecedoras diretas de gado para abate, a iniciativa foi enfraquecida por uma série de escândalos. Envolvendo diversas empresas, dentre as quais a JBS, líder do setor, uma operação batizada de 'Carne Fria', do Ibama interditou em março de 2017, frigoríficos no estado do Pará que compravam gado de áreas embargadas por desmatamento ilegal. No mesmo período, outra operação de fiscalização foi deflagrada, denominada Operação Carne Fraca. Acusadas de adulterar carne estragada, valendo-se de mudança de data de validade e maquiando o aspecto dos produtos já vencidos, a investigação, conduzida pela Polícia Federal envolveu mais de 30 empresas alimentícias do país. JBS e BRF, dona da Sadia e Perdigão estavam entre eles. A JBS esteve também envolvida na Operação Lava Jato, a maior investigação de combate à corrupção envolvendo agentes públicos do Brasil. Após sucessivos escândalos de corrupção envolvendo o setor da pecuária, o Greenpeace decide suspender seu envolvimento na implementação do Compromisso Público

da Pecuária na Amazônia, assumido pelos três maiores frigoríficos do país – JBS, Marfrig e Minerva.^[xiv]

A Moratória da Soja tem sido amplamente reconhecida como mecanismo de mercado bem-sucedido para limitar a soja como causadora direta do desmatamento na Amazônia brasileira. A taxa média anual de desmatamento nos municípios relevantes caiu para menos de um quinto do que era antes da implementação da moratória.^[xv] A produção de soja tem sido diretamente responsável por menos de 2% do desmatamento no bioma amazônico desde 2008.^[xvi]

Ainda assim, a indústria da soja continuou a se expandir na Amazônia brasileira: a área plantada com soja aumentou em 3,5 milhões de hectares desde 2006, com novas plantações principalmente em terras antes usadas para pastagem de gado.^[xvii] Dada a escala desse deslocamento, a soja continua a ser um importante fator indireto do desmatamento, à medida que os criadores de gado avançam sob a floresta para abrir novas áreas de pastagem que, posteriormente são substituídas pelo cultivo da soja.^[xviii]

Apesar do sucesso da Moratória da Soja, a permanência deste mecanismo não está assegurado. Durante a campanha eleitoral de 2018, o atual presidente do Brasil, Jair Bolsonaro, prometeu diversas vezes enfraquecer as agências ambientais do governo brasileiro e abrir áreas protegidas e terras indígenas para a agricultura e a mineração. Ele também ameaçou sair do Acordo de Paris em caso de articulações em âmbito internacional fossem feitas para restringir a expansão agrícola na Amazônia brasileira.^[xix]

A influência do setor de agronegócio brasileiro está aumentando sob o governo de Bolsonaro. Flávio Bolsonaro, senador e filho do presidente, apresentou um projeto de lei que eliminaria a exigência legal de proprietários de terras na Amazônia de deixar 80% de suas terras preservadas e florestadas.^[xx] Várias anistias foram concedidas para proprietários de terras que violaram essa exigência no passado,^[xxi] mas, se o projeto for aprovado, uma área que quase se compara ao tamanho dos estados do Amazonas e Pará juntos – equivalente à soma do tamanho da França, Espanha, Alemanha, Itália, Reino Unido, Suécia, Suíça, Grécia e Áustria – seria aberta para o desmatamento legal.

Embora a ABIOVE, Associação Brasileira das Indústrias de Óleos Vegetais, tenha prometido manter a Moratória da Soja, as medidas de Bolsonaro para enfraquecer a legislação de proteção ambiental foram bem recebidas pela Aprosoja, a Associação Brasileira dos Produtores de Soja.^[xxii]

Além disso, o novo ministro da Infraestrutura de Bolsonaro, Tarcísio Freitas, está avançando com grandes projetos de infraestrutura na Amazônia. O Grupo Amaggi, do Brasil, e os quatro maiores grupos comercializadores de soja e outras commodities estão considerando uma oferta conjunta para operar a BR-163, rodovia que conecta o cinturão de grãos brasileiro aos portos do norte, bem como um investimento em uma ferrovia paralela.^[xxiii] A expansão da

infraestrutura na Amazônia brasileira exporia novas áreas ao desenvolvimento, aumentando o risco de desmatamento e agravando conflitos entre grileiros e povos indígenas e outras comunidades locais.

Em maio de 2019, oito dos ex-ministros do Meio Ambiente do Brasil alertaram que a governança socioambiental no Brasil estava sendo desmantelada. Em uma carta conjunta, advertiram que:

“Estamos assistindo a uma série de ações, sem precedentes, que esvaziam a capacidade de formulação e implementação de políticas públicas Ministério do Meio Ambiente, entre elas a perda da Agência Nacional de Águas, a transferência do Serviço Florestal Brasileiro para o Ministério da Agricultura, a extinção da secretaria de mudanças climáticas e, agora, a ameaça de desmantelamento de áreas protegidas, enfraquecimento do Conselho Nacional do Meio Ambiente e da ameaça de extinção do Instituto Chico Mendes (ICMBio). (...) Estamos diante de um risco real de aumento descontrolado do desmatamento na Amazônia. As frequentes e contraditórias sinalizações no combate ao crime ambiental podem transmitir a ideia de que o desmatamento é essencial para o sucesso da agropecuária no Brasil. A ciência e a própria história política recente do país demonstram claramente que isso é uma falácia e um erro que custará muito caro a todos nós.”^[xxiv]

[i] Projeto MapBiomas v3.1 ‘Annual land use land cover maps of Brazil’ <http://mapbiomas.org/stats> acessado 9 Maio 2019.

[ii] Projeto MapBiomas v3.1 ‘Annual land use land cover maps of Brazil’ <http://mapbiomas.org/stats> acessado 9 Maio 2019.

[iii] O Bioma Amazônico é definido por suas comunidades vegetais e animais, que compartilham condições e história ambientais e geoclimáticas similares, resultando em sua própria diversidade biológica. Fonte: Site do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) “Mapa de biomas e de vegetação”.

[iv] Projeto MapBiomas v3.1 ‘Annual land use land cover maps of Brazil’ <http://mapbiomas.org/stats> acessado 9 Maio 2019.

[v] Projeto MapBiomas v3.1 ‘Annual land use land cover maps of Brazil’ <http://mapbiomas.org/stats> acessado 9 Maio 2019.

[vi] FAO (2005)

[vii] Tyukavina A et al (2017) p. 3 Tabela S2A -Supplementary materials for “Types and rates of forest disturbance in Brazilian Legal Amazon, 2000–2013” Science Advances 3(4): e1601047 <https://advances.sciencemag.org/content/suppl/2017/04/10/3.4.e1601047.DC1>

[viii] Gibbs HK et al (2015) ‘Brazil’s soy moratorium’ Science 347: 377–378 https://www.researchgate.net/publication/271213939_Brazil's_Soy_Moratorium
Global Fire Emissions Database (GFED) website ‘2015

[ix] Greenpeace (2006) “Eating up the Amazon” “Eating up the Amazon” <https://www.greenpeace.org/usa/wp-content/uploads/legacy/Global/usa/report/2010/2/eating-up-the-amazon.pdf?53ea6e>

- [x] Adario P (2016) 10 years ago, the Amazon was being bulldozed for soy. Then everything changed' 16 May 2016 Greenpeace UK <https://www.greenpeace.org/uk/10-years-ago-amazon-was-being-bulldozedsoy-then-everything-changed-20160516/>
- [xi] Greenpeace (2014) 'The Amazon soya moratorium: From the brink of disaster to a solution in the making' <http://www.greenpeace.org/archive-international/Global/international/code/2014/amazon/index.html>
- [xii] Greenpeace (2014) 'The Amazon soya moratorium: From the brink of disaster to a solution in the making' <http://www.greenpeace.org/archive-international/Global/international/code/2014/amazon/index.html>
- [xiii] Watts J (2017) Operation Car Wash: Is this the biggest corruption scandal in history?' 1 June 2017 The Guardian <https://www.theguardian.com/world/2017/jun/01/brazil-operation-car-wash-isthis-the-biggest-corruption-scandal-in-history>
- [xiv] Estrada Patiño R (2017) 'Greenpeace Brazil suspends negotiations with cattle giant JBS' 23 March 2017 Greenpeace <https://www.greenpeace.org/usa/news/greenpeace-brazilsuspends-negotiations-cattle-giant-jbs/>
- [xv] O desmatamento anual médio nos 95 municípios produtores de soja monitorados pela Moratória da Soja entre 2008/09 e 2017/18 foi 5,2 vezes menor do que entre 2001/2 e 2007/8. Fonte: ABIOVE & Agrosatélite (2018) p. 20. Soy moratorium: Monitoring soy crops in the Amazon biome using satellite images' http://www.abiove.org.br/site/_FILES/English/30012019-170116-ingles.pdf
- [xvi] ABIOVE & Agrosatélite (2018) p. 15 Soy moratorium: Monitoring soy crops in the Amazon biome using satellite images' http://www.abiove.org.br/site/_FILES/English/30012019-170116-ingles.pdf e Kastens JH et al (2017) Soy moratorium impacts on soybean and deforestation dynamics in Mato Grosso, Brazil' PLoS ONE 12(4): e0176168 <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0176168>
- [xvii] ABIOVE & Agrosatélite (2018) p. 18 Soy moratorium: Monitoring soy crops in the Amazon biome using satellite images' http://www.abiove.org.br/site/_FILES/English/30012019-170116-ingles.pdf
- [xviii] Fearnside P (2017) Deforestation of the Brazilian Amazon' Oxford Research Encyclopedia of Environmental Science, Sep 2017 <https://doi.org/10.1093/acrefore/9780199389414.013.102> e Gollnowa F et al (2018) Property-level direct and indirect deforestation for soybean production in the Amazon region of Mato Grosso, Brazil' Land Use Policy 78: 377–385 <https://doi.org/10.1016/j.landusepol.2018.07.010>
- [xix] Jornal Económico com Lusa (2018) Discurso de Bolsonaro é o "mais ameaçador" para Amazônia e Acordo de Paris' 4 November 2018 <https://jornaleconomico.sapo.pt/noticias/discurso-de-bolsonaro-e-o-mais-ameacadorpara-amazonia-e-acordo-de-paris-373733>
- [xx] Bolsonaro F e Bittar M (2019) 'Projeto de Lei nº 2362, de 2019' <https://www25.senado.leg.br/web/atividade/materias/-/materia/136371> e Agência Senado (2019) 'Chico Rodrigues defende fim de reserva legal em propriedade rural' 15 May 2019 <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2019/05/15/chico-rodrigues-defendefim-de-reserva-legal-em-propriedade-rural>
- [xxi] Azevedo AA et al (2017) 'Limits of Brazil's Forest Code as a means to end illegal deforestation' PNAS 114: 7653–7658 <https://www.pnas.org/content/early/2017/06/27/1604768114>
- [xxii] Freitas G Jr e Freitas T (2018) Farm deregulation puts Bolsonaro on collision course with buyers' 26 October 2018 Bloomberg <https://www.bloomberg.com/news/articles/2018-10-26/farm-deregulation-putsbolsonaro-on-collision-course-with-buyers>
- [xxiii] Mano A (2019) Brazil's Amaggi and Big 4 grain traders mull road, railway venture' 11 March 2019 Reuters <https://www.reuters.com/article/us-brazil-logistics/brazils-amaggi-and-big-4-grain-traders-mullroad-railway-venture-idUSKBN1QS257>
- [xxiv] Ricupero R et al (2019) Ricupero R et al (2019) 'Statement from Brazil's former ministers of the environment' 8 May 2019 <http://www.iea.usp.br/en/manifesto>

Cerrado: um ecossistema ameaçado pela soja

Os 200 milhões de hectares do Cerrado brasileiro abrigam 5% das espécies vegetais e animais do planeta,²⁴ dos quais mais de 4.800 não são encontrados em nenhum outro lugar.²⁵ Além de ser a savana de maior biodiversidade do mundo,²⁶ a região é conhecida como “berço das águas”, porque é fundamental para oito das doze bacias hidrográficas brasileiras, contendo as cabeceiras de quase todos os afluentes do sul do rio Amazonas, bem como vários rios nos estados do Maranhão e Piauí.²⁷

No entanto, apesar do seu valor ecológico, o Cerrado está sendo rapidamente desmatado: perdeu 2,8 milhões de hectares de florestas naturais e 1,8 milhão de hectares de pastagens naturais entre 2010 e 2017,²⁸ com as principais ameaças provenientes das fazendas de soja e pecuária.²⁹ Estima-se que quase metade de sua vegetação natural (cerca de 88 milhões de hectares,³⁰ uma área quase do tamanho do Mato Grosso³¹) já tenha sido destruída. A área restante tem um estoque estimado de carbono equivalente a 13,7 GtCO₂.³² Assim como na Amazônia brasileira, a pecuária tem sido a principal responsável do desmatamento: quase um quarto do Cerrado, cerca de 48,5 milhões de hectares, uma área cerca de duas vezes maior que a do Reino Unido³³, era pastagem em 2017.³⁴ Mais de 24 milhões de hectares foram

²⁴ Dias BFS (1982) ‘Alternativas para o desenvolvimento dos cerrados: Manejo e conservação dos recursos naturais renováveis’ Brasília, FUNATURA/IBAMA

²⁵ Strassburg B, Brooks T & Feltran-Barbieri R (2017) ‘Moment of truth for the Cerrado hotspot’ Nature Ecology & Evolution 1: 1–3
https://www.researchgate.net/publication/315549179_Moment_of_truth_for_the_Cerrado_hotspot

²⁶ Ministério do Meio Ambiente (2017) p. 65. ‘Brazil’s forest reference emission level for reducing emissions from deforestation in the Cerrado biome for results-based payments for REDD+ under the United Nations Framework Convention on Climate Change’ https://redd.unfccc.int/files/brazil_frel-cerrado-en-20160106-final.pdf

²⁷ WWF (2017a) p. 2 ‘An inside view of MATOPIBA’ <https://www.wwf.org.br/?60466/An-Inside-View-of-Matopiba#>

²⁸ Projeto MapBiomas v3.1 ‘Annual land use land cover maps of Brazil’ <http://mapbiomas.org/stats> acessado 9 Maio 2019.

²⁹ Fundo de Parceria para Ecossistemas Críticos (2017) p. 146 – 151 ‘Ecosystem profile: Cerrado biodiversity hotspot’ revised February 2017
<https://www.cepf.net/sites/default/files/cerrado-ecosystem-profile-en-revised-2017.pdf>

³⁰ Projeto MapBiomas v3.1 ‘Annual land use land cover maps of Brazil’ <http://mapbiomas.org/stats> acessado 9 Maio 2019.

³¹ 88,2 milhões de hectares. Fonte: Website da CIA “The World Factbook”
<https://www.cia.gov/library/publications/the-world-factbook/> accessed 26 May 2019

³² Fundo de Parceria para Ecossistemas Críticos (2017) p. 51 – 52 ‘Ecosystem profile: Cerrado biodiversity hotspot’ revised February 2017 <https://www.cepf.net/sites/default/files/cerrado-ecosystem-profile-en-revised-2017.pdf>

³³ 24,3 milhões de hectares. Fonte: Website da CIA “The World Factbook”
<https://www.cia.gov/library/publications/the-world-factbook/> accessed 26 May 2019

convertidos em terras agricultáveis, muitas vezes depois de terem sido usados para pastagem.³⁵

A área do Cerrado conhecida como “Matopiba” ocupa, hoje, o centro da expansão do agronegócio e está particularmente ameaçada. O Matopiba, que cobre quase 74 milhões de hectares nos estados brasileiros do **Maranhão**, **Tocantins**, **Piauí** e **Bahia**,³⁶ é atualmente uma das principais “novas fronteiras” de expansão da soja e outras commodities agrícolas.³⁷ Entre 2007 e 2014, quase dois terços da expansão agrícola no Matopiba ocorreram às custas da savana, florestas e outras vegetações nativas do Cerrado.³⁸

Uma análise da Trase, uma ONG focada no aumento da transparência das cadeias de suprimento de commodities agrícolas, indica que entre 2010 e 2015 apenas cinco produtores, incluindo ADM, Bunge e Cargill, todos signatários da Moratória da Soja,³⁹ foram responsáveis por mais de três quartos da exportação total de soja do Matopiba.⁴⁰ Os dados da Trase também indicam que essas três empresas foram as maiores exportadoras de soja do Cerrado em 2017, com exportações combinadas de 13 milhões de toneladas.⁴¹

³⁴ Projeto MapBiomas v3.1 ‘Annual land use land cover maps of Brazil’ <http://mapbiomas.org/stats> acessado 9 Maio 2019.

³⁵ Projeto MapBiomas v3.1 ‘Annual land use land cover maps of Brazil’ <http://mapbiomas.org/stats> acessado 9 Maio 2019.

³⁶ Site Input Brasil “Regiões: MATOPIBA” <https://www.inputbrasil.org/regioes/matopiba/?lang=en> acessado 13 Maio 2019

³⁷ USDA (2012) Brazil’s latest agriculture frontier in Western Bahia and MATOPIBA’ Foreign Agricultural Service Commodity Intelligence Report 12 Julho 2012 https://ipad.fas.usda.gov/highlights/2012/07/Brazil_MATOPIBA/

³⁸ Carneiro Filho A e Costa K (2016) p. 9 The expansion of soybean production in the Cerrado’ https://www.inputbrasil.org/wp-content/uploads/2016/11/The-expansion-of-soybean-production-in-the-Cerrado-Agroicone_INPUT.pdf

³⁹ ABIOVE (2007) p. 10 ‘Understanding the soy moratorium:Responsible production’ http://www.abiove.com.br/english/sustent/ms_cprodutor_24jul07_us.pdf

⁴⁰ Trase (2018b) ‘Who is buying soy from MATOPIBA?’ <http://resources.trase.earth/documents/infobriefs/Infobrief2.pdf>

⁴¹ Trase (2018a) ‘New data on Trase shows soy trade from Brazil’s Cerrado driving climate emissions’ 13 December 2018 <https://medium.com/trase/newdata-on-trase-shows-soy-trade-from-brazilscerrado-driving-climate-emissions-10cc949a04c4>;

veja também Chain Reaction Research (2018b) ‘The chain: Bunge, Cargill, others fined for Brazilian deforestation in Cerrado; Investors push Bunge to ban deforestation-linked suppliers’ 24 May 2018 <https://chainreactionresearch.com/the-chain-bunge-cargill-others-fined-forbrazilian>

,b Chain Reaction Research (2018a) ‘ADM: Matopiba sourcing could link company to deforestation’ 21 September 2018

Em outras palavras, os comerciantes que desempenham papel positivo como partes da Moratória da Soja na Amazônia contribuíram, por outro lado, para a destruição do Cerrado. De fato, em 2018, o Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (Ibama) multou a Bunge e a Cargill por comercializarem soja de áreas desmatadas ilegalmente no Matopiba.⁴²

Lucrando com o fim do Cerrado

“Se alguém fica doente aqui à noite, pode até morrer, porque eles não deixam a gente passar [pelos bloqueios].”⁴³

Guilherme Ferreira de Sousa, membro da comunidade dos geraizeiros

“Acho que isso foi só uma desculpa para me incriminar, já que eles [Estrondo] estão sendo derrotados na Justiça. Eu sei que sou um alvo, mas isso não vai me intimidar.”⁴⁴

Adão, membro da comunidade dos geraizeiros

“As ações violentas da Estrondo são, normalmente, ligadas ao calendário da Justiça. Se eles perdem uma ação, tendem a agir com mais violência contra as pessoas.”⁴⁵

Mauricio Correa, membro da Associação de Advogados de Trabalhadores Rurais

<https://chainreactionresearch.com/report/admmatopiba-sourcing-could-link-company-to-deforestation>

e Chain Reaction Research (2019) Brazilian state of Tocantins: A hotspot for Cerrado deforestation’ 1 April 2019

<https://chainreactionresearch.com/report/brazilianstate-of-tocantins-a-hotspot-for-cerrado-deforestation/>.

⁴² Spring J (2018a) Brazil fines five grain trading firms, farmers connected to deforestation’ 23 May 2018 Reuters

<https://uk.reuters.com/article/us-brazil-deforestationbunge-carg/brazil-fines-five-grain-trading-firmsfarmers-connected-to-deforestation-idUKKCN1IO1NV>

⁴³ Repórter Brasil (2017)Estrondo: A imposição daforça do agronegócio na Bahia’ 16 December 2017

<https://reporterbrasil.org.br/estrondo/>

⁴⁴ Milhorange F (2018)‘Cerrado: Traditional communities win back land from agribusiness firm’ 5 July 2018

<https://news.mongabay.com/2018/07/cerrado-traditional-communities-win-back-land-from-agribusiness-firm/>

⁴⁵ Milhorange F (2018)errado: Traditional communities win back land from agribusiness firm’ 5 July 2018

<https://news.mongabay.com/2018/07/cerrado-traditional-communities-win-back-land-from-agribusiness-firm/>

O Greenpeace Brasil investigou recentemente uma propriedade no oeste da Bahia, o Agronegócio Condomínio Cachoeira do Estrondo, que alega ocupar 305 mil hectares,⁴⁶ uma área maior que as cidades do Rio de Janeiro e São Paulo juntas.⁴⁷ Documentos cadastrais mostram que, em 1978, o grupo Delfin, de propriedade de Ronald Guimarães Levinsohn,⁴⁸ adquiriu uma propriedade cobrindo 444 mil hectares.⁴⁹ O Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra) afirma que a propriedade foi fundada a partir de uma grilagem de mais de 444 mil hectares.⁵⁰

O grupo Delfin e Ronald Levinsohn são notórios no Brasil devido a um enorme escândalo financeiro envolvendo bancos que começou na década de 1980, com alegações de fraude e conluio de vários ministros da época da ditadura militar.⁵¹ Os escândalos de lavagem de dinheiro em torno de Levinsohn continuam.⁵²

⁴⁶ Site do Agronegócio Estrondo “Geografia” <http://www.agronegocioestrondo.com.br/geografia.html> acessado 20 Maio 2019

⁴⁷ Rio de Janeiro 126.000 hectares, São Paulo 152.300 hectares. Fonte: Site AboutBrasil website, “Top 10 largest cities in Brasil”.
https://www.aboutbrasil.com/modules/brazil-brasil/top_10_brazil.php?hoofd=11&sub=53&art=1445

⁴⁸ De acordo com a Receita Federal, a Delfin Rio S/A Crédito Imobiliário (CNPJ 33.923.848/0001-41) foi criada em 20 de novembro de 1972 no Rio de Janeiro e Ronald Guimarães Levinsohn é o único proprietário. Veja o site da Receita Federal https://www.receita.fazenda.gov.br/pessoajuridica/cnpj/cnpjreva/Cnpjreva_gsa.asp e a “Emissão de comprovante de inscrição e de situação cadastral”
http://www.receita.fazenda.gov.br/PessoaJuridica/CNPJ/cnpjreva/Cnpjreva_Solicitacao.asp acessados em 4 de junho de 2019.

⁴⁹ Número de propriedade 736, adquirido em 30 de dezembro de 1978. Originalmente registrado em Santa Rita de Cássia e depois transferido para Formosa do Rio Preto. MRC (2018) pp7 Ação discriminatória’ 3 Outubro 2018, documento no. 1810091149223960000015196025, processo no. 8000499-51-2018.8.05.0081

⁵⁰ Ver Ministério da Política Fundiária e do Desenvolvimento Agrário (1999). terras’
http://www.incra.gov.br/media/servicos/publicacao/livros_revistas_e_cartilhas/Livro%20Branco%20da%20Grilagem%20de%20Terras.pdf

⁵¹ Quando o grupo Delfin de Levinsohn entrou em colapso no início dos anos 1980, o banco federal Caixa assumiu a dívida de 6 bilhões de cruzeiros. Em 1991, Levinsohn concordou em pagar 300 milhões de reais ao longo de 13 anos para manter o controle do que sobrou da empresa endividada; essa quantia nunca foi paga. Fonte: Oliveira S (2018). <https://acervo.oglobo.globo.com/emdestaque/em-83-bc-interveio-no-grupo-delfin-aposonda-de-saques-acusacao-de-fraude-22301040>

⁵² Consulte, por exemplo, Schmidt S (2017) ‘Endereços e sócios interligam quatro firmas e um condomínio que alugam andares para o Legislativo’ 6 August 2017 O Globo
<https://oglobo.globo.com/rio/enderecos-sociosinterligam-quatro-firmas-um-condominio-quealugam-andares-para-legislativo-21674984> e Vleira L e Araújo V (2014). ‘Polícia Federal investiga possível esquema fraudulento na Universidade GamaFilho’ 18 Janeiro 2014 O Globo
<https://oglobo.globo.com/rio/policia-federal-investiga-possivel-esquema-fraudulento-na-universidade-gama-filho-11343181>

De acordo com documentos do Tribunal de Justiça do Estado da Bahia de 2018, o Condomínio Estrondo é atualmente controlado por quatro empresas: Delfin Rio S/A Crédito Imobiliário, Colina Paulista S/A, Cia Melhoramento do Oeste da Bahia e União de Construtoras S/A⁵³ – embora apenas duas delas sejam reconhecidas no site do Condomínio Estrondo como parte do consórcio que administra a fazenda.⁵⁴ Perfis de registro público mostram que duas das quatro empresas são controladas por Levinsohn ou sua família; duas delas são registradas no exterior. Três das empresas foram processadas por questões relacionadas a direitos territoriais de comunidades.⁵⁵ A promotoria pública da Bahia considera que todas essas empresas estão interligadas e associadas à Delfin de Levinsohn. Os documentos do processo apontam que, com base em sua análise de vários documentos, “a Colina Paulista S/A e a Cia. Melhoramentos do Oeste da Bahia são o resultado de uma cisão parcial da Delfin Rio S/A – Crédito Imobiliário (...) com o objetivo de esconder irregularidades por trás da enorme burocracia e de um sem número de novos documentos cadastrais.”⁵⁶ Ele continua: “o número de cisões, fusões e transferências de áreas entre as pessoas jurídicas da União de Construtoras S/A, Delfin Rio S/A Crédito Imobiliário, Colina Paulista S/A e Cia. Melhoramento do Oeste da Bahia é desconcertante. Qualquer registro cadastral que tenha titulares de direitos diferentes é de propriedade da Delfin Rio S/A Crédito Imobiliário.”⁵⁷

Bem mais de um terço da terra da propriedade foi desmatada desde 2000⁵⁸ para cultivar soja, algodão e milho. Nos anos 2000, o Ibama investigou o Agronegócio Estrondo repetidamente devido ao desmatamento ilegal,⁵⁹ inclusive com alegações de que licenças de desmatamento

⁵³ Barreiras, 3 de outubro de 2018. Mário Rodrigues Coelho Neto, Procurador do Estado da Bahia OAB/BA 35.428, número do documento 1810091149223960000015196025 p. 5 [p. 9 pdf]. Cópia mantida pelo Greenpeace Brasil.

⁵⁴ Site do Agronegócio Estrondo “Administração” <http://www.agronegocioestrondo.com.br/administracao.html> acessado 4 Junho 2019

⁵⁵ As três empresas que estão sendo processadas pela comunidade são a Delfin Crédito Imobiliário S/A, a Companhia de Melhoramentos do Oeste da Bahia (CMOB) e a Colina Paulista S/A. Fonte: Processo nº 0501082-35 2017.8.05.0022, Manutenção de posse, acessível a consulta pública, Barreiras (BA), 3 de maio de 2017. Cópia mantida pelo Greenpeace Brasil, acessada em 2 de junho de 2019.

⁵⁶ 3 de outubro de 2018. Mário Rodrigues Coelho Neto, Procurador do Estado da Bahia OAB/BA 35.428, “Ação discriminatória, pelo rito comum, com pedido liminar de tutela de urgência”, documento nº 1810091149223960000015196025 <https://pje.tjba.jus.br:443/pje-web/Processo/ConsultaDocumento/listView.seam?nd=1810091149223960000015196025>, cópia mantida pelo Greenpeace Brasil p. 17 [p. 1019 pdf]

⁵⁷ 3 de outubro de 2018. Mário Rodrigues Coelho Neto, Procurador do Estado da Bahia OAB/BA 35.428, número do documento 1810091149223960000015196025. Cópia mantida pelo Greenpeace Brasil. p. 19-20 [p. 1022-1023 em pdf]

⁵⁸ Análise de mapeamento do Greenpeace em maio de 2019

⁵⁹ Comissão Pastoral da Terra (2019) ‘Pistoleiros da Fazenda Estrondo abrem fogo contra Geraizeiros em

Formosa do Rio Preto (BA)’

<https://www.cptnacional.org.br/publicacoes/noticias/conflitos-no-campo/4616-pistoleiros-da-fazenda-estrondo-a-brem-fogocontra-geraizeiros-em-formosa-do-rio-preto-ba>

coabrindo 49 mil hectares na propriedade tinham sido obtidas de forma fraudulenta.⁶⁰ Em abril de 2019, o Greenpeace Brasil documentou a colheita de soja cultivada ilegalmente em uma área que o Ibama havia embargado (excluído da atividade comercial).⁶¹

Além dessas ilegalidades ambientais, o Agronegócio Estrondo tem um histórico de violações dos direitos humanos. Em 2005, o uso de trabalho forçado foi identificado em duas partes distintas da propriedade,⁶² e houve vários incidentes de intimidação e violência contra as comunidades locais há muito estabelecidas, conhecidas como os geraizeiros do Alto Rio Preto – o povo guerreiro do Rio Preto.

Recentemente, a Associação de Advogados de Trabalhadores Rurais do Estado da Bahia descreveu como uma empresa de segurança privada armada, conhecida como Estrela Guia, tem se envolvido em uma série de atos intimidatórios contra a comunidade de geraizeiros, “com apoio ilegal de policiais [locais]”.⁶³ As injustiças identificadas incluem invadir casas, deter ou sequestrar ilegalmente membros da comunidade, plantar armas e acusar pessoas de posse ilegal de arma e/ou disparo de armas de fogo, confiscar gado da comunidade, restringir a circulação nas estradas e participar de várias operações de vigilância intrusivas.⁶⁴

Comprovando as descobertas de outros,⁶⁵ investigações do Greenpeace Brasil em 2019 documentaram cercas de segurança, torres de vigia armadas e trincheiras de aproximadamente três metros de profundidade impedindo a passagem livre sobre as terras comunitárias, efetivamente isolando as comunidades e impedindo seu direito de pastoreio.

⁶⁰ Reimberg M (2009) Fazenda Estrondo coleciona crimes tribalhistas e ambientais’ 26 November 2009 Repórter Brazil <https://reporterbrasil.org.br/2009/11/fazendaestrondo-coleciona-crimes-trabalhistas-e-ambientais/>

⁶¹ Site do Ibama “Consulta de autuações ambientais e embargos” <https://servicos.ibama.gov.br/ctf/publico/areasembargadas/ConsultaPublicaAreasEmbargadas.php> acessado 4 Junho 2019.

⁶² Veja Reimberg M (2009) ‘Fazenda Estrondo coleciona crimes tribalhistas e ambientais’ Repórter Brazil <https://reporterbrasil.org.br/2009/11/fazendaestrondo-coleciona-crimes-trabalhistas-e-ambientais/> e Comissão Pastoral da Terra (2005). Tabela 8 -trabalho escravo’ <https://www.cptnacional.org.br/component/jdownloads/send/12-trabalhoescravo/81-trabalho-escravo-2005?Itemid=0>

⁶³ Associação de Advogados/as de Trabalhadores/as Rurais (2019) ‘Em novo ataque, seguranças da fazenda Estrondo “prendem” geraizeiro de Formosado Rio Preto (BA)’ 26 May 2019 https://www.facebook.com/notes/associa%C3%A7%C3%A3o-deadvogadosas-de-trabalhadoras-rurais-aatrbahia/em-novo-ataque-seguran%C3%A7as-da-fazendaestrondo-prendem-geraizeiro-de-formosado-r/1020263041509182/?_tn_ =H-R

⁶⁴ Associação de Advogados de Trabalhadores Rurais (2019) ‘Em novo ataque, seguranças da fazenda Estrondo “prendem” geraizeiro de Formosado Rio Preto (BA)’ 26 May 2019 https://www.facebook.com/notes/associa%C3%A7%C3%A3o-deadvogadosas-de-trabalhadoras-rurais-aatrbahia/em-novo-ataque-seguran%C3%A7as-da-fazendaestrondo-prendem-geraizeiro-de-formosado-r/1020263041509182/?_tn_ =H-R

⁶⁵ Auto de infração nº 2018-004964/TEC/AIMU-0388, emitida em 28 de maio de 2018 pelo Inema (Instituto de Meio Ambiente e Recursos Hídricos). Cópia mantida pelo Greenpeace Brasil.

Em 2017, as comunidades locais de geraizeiros do Alto Rio Preto – incluindo Cachoeira, Cacimbinha/Arroz, Gatos, Aldeia/Mutamba e Marinheiro – entraram com uma ação coletiva pelo reconhecimento do seu direito a 43 mil hectares de terras dentro do Condomínio Estrondo. No entanto, apesar de várias decisões judiciais a seu favor⁶⁶ e da constatação da promotoria pública do Estado da Bahia de que as provas “apontam para irregularidades que claramente tornam o registro [da Estrondo] nulo e sem efeito”,⁶⁷ a propriedade continua a impedi-los de exercer seus direitos tradicionais de uso da terra e a violência contra as comunidades permanece.

Em 31 de janeiro de 2019, de acordo com a Associação de Advogados de Trabalhadores Rurais, membros da empresa de segurança privada Estrela Guia atiraram em um geraizeiro na perna, enquanto ele tentava recuperar o gado apreendido pela propriedade em 31 de janeiro de 2019.⁶⁸ Um vídeo gravado por um membro da comunidade dos geraizeiros e repassado à Comissão Pastoral da Terra (CPT) documenta os acontecimentos, mostrando que membros da comunidade se aproximam, a cavalo, do gado encurralado. Quando perguntado se eles vão liberar o gado, um guarda se recusa, dizendo que esta é a ordem da fazenda. Tiros são disparados e um dos membros da comunidade grita: “Do jeito que você está apontando a arma para mim, é para matar”.⁶⁹

Em 7 de abril de 2019, de acordo com a Associação de Advogados de Trabalhadores Rurais, o presidente da comunidade de geraizeiros Cachoeira foi ilegalmente detido por membros armados da Estrela Guia enquanto procurava gado perdido. Alegando que tinham um mandado de prisão, os guardas prenderam-no em uma das guaritas de segurança ocupadas pela propriedade. Ele foi, então, transferido para a delegacia de polícia local e acusado de posse ilegal de uma espingarda;⁷⁰ O líder da comunidade de geraizeiros foi libertado sob fiança cinco

⁶⁶ Em 3 de maio de 2017, foi emitida uma liminar de manutenção em favor das comunidades geraizeiras (processo nº 0501082.35.2017.8.05.0022). Esta decisão foi reconfirmada em 13 de fevereiro de 2019 por Jose Cicero Landin Neto; consulte o Agravo de Instrumento da Delfim [sic] Crédito Imobiliário S/A e Colina Paulista SA, documento nº 19021309463547200000002713017 <https://pje2g.tjba.jus.br:443/pje-web/Processo/ConsultaDocumento/listView.seam?nd=19021309463547200000002713017>, acessado em 2 de junho de 2019. Para conhecer o histórico de processos judiciais, consulte, por exemplo, a Associação de Advogados de Trabalhadores Rurais (2019).

⁶⁷ “Ação discriminatória, pelo rito comum, com pedido liminar de tutela de urgência”, documento nº 18100911492239600000015196025 [p. 1001 no pdf]

⁶⁸ Associação de Advogados de Trabalhadores Rurais (2019) ‘Em novo ataque, seguranças da fazenda Estrondo “prendem” geraizeiro de Formosado Rio Preto (BA)’ 26 May 2019 https://www.facebook.com/notes/associa%C3%A7%C3%A3o-deadvogadosas-de-trabalhadoresas-rurais-aatrbahia/em-novo-ataque-seguran%C3%A7as-da-fazendaestrondo-prendem-geraizeiro-de-formosado-r/1020263041509182/?_tn_=H-R

⁶⁹ Milhorange F (2019) ‘Video: Cerrado farmer shot amid escalating conflict with agribusiness’ 21 Fevereiro 2019 Mongabay <https://news.mongabay.com/2019/02/video-cerrado-farmer-shot-amid-escalating-conflict-with-agribusiness> e Silva U (2019) Seguranças atiram e ferem ribeirinho em fazenda na Bahia. Veja vídeo’ 8 February 2019 Metrôpoles <https://www.metropoles.com/brasil/seguranças-atirame-ferem-ribeirinho-em-fazenda-na-bahia-veja-video;>

⁷⁰ Neto J (2019a). O mesmo artigo contém um relatório da Associação de Advogados de Trabalhadores Rurais afirmando que esse líder comunitário já tinha sido intimidado antes, na noite de 6 de junho de 2018, quando a

dias depois, quando o juiz não encontrou nenhum “motivo decisivo para decretar a prisão preventiva”.⁷¹

Em um caso semelhante, a Associação de Advogados de Trabalhadores Rurais informa que, em 25 de maio de 2019, funcionários da Estrela Guia pararam o veículo de um geraizeiro da comunidade de Cachoeira quando ele voltava para casa. Mais uma vez, disseram que tinham um mandado de prisão e ele foi detido em uma das guaritas de controle de segurança da fazenda sob a alegação de posse de uma espingarda. Quando o geraizeiro foi transferido para a delegacia de polícia local, o oficial de plantão acatou a denúncia da suposta posse da arma⁷², apesar do geraizeiro afirmar que nunca teve posse de arma alguma⁷³. A documentação da ordem de liberação mostra que o detento foi acusado de posse e disparo de arma de fogo.⁷⁴ Em comunicações pessoais com o Greenpeace, membros da comunidade dos geraizeiros afirmam que seus advogados de defesa pediram a perícia da arma, mas a delegacia local alegou que não tinha capacidade para isso.⁷⁵ Apesar de não terem sido apresentadas acusações formais, o detido foi libertado sob condições que incluíam não deixar o Estado da Bahia e obedecer a um toque de recolher das 6 da tarde às 6 da manhã, minando sua capacidade de exercer suas atividades rotineiras de trabalho.⁷⁶

Apesar do histórico sombrio do Agronegócio Estrondo, grandes produtores parecem não ter problemas em fazer negócio com o empreendimento. Dentro ou próximo de seus limites, as

Estrela Guia, com apoio ilegal da polícia local, invadiu sua casa e o deteve sob as mesmas acusações. O líder comunitário é um dos onze geraizeiros que representam a comunidade na ação contra as três empresas que reivindicam a propriedade da terra dentro do Condomínio Estrondo. ‘Empresa de segurança da fazenda Estrondo “prende” presidente de associação comunitária dos geraizeiros de Formosa do Rio Preto (BA)’ 11 April 2019 Jornal GGN
<https://jornalggn.com.br/blog/josias-pires/empresa-de-seguranca-da-fazendaestrondo-prende-presidente-de-associacao-comunitariados-geraizeiros-de-formosa-do-rio-preto-ba/>

⁷¹ Neto J (2019b) ‘Juíza de Formosa de Rio Preto (BA) manda soltar líder de associação de geraizeiros’ 13 April 2019 Jornal GGN
https://jornalggn.com.br/blog/josias-pires/juiza-de-formosa-de-rio-preto-ba-manda-soltar-liderde-associacao-de-geraizeiros/?fbclid=IwAR1009o2AIW_8pZZv7fwsvav4H-gSlggWdpBE6Ft9DwS5TCA4nTZZ3oweno

⁷² Associação de Advogados de Trabalhadores Rurais (2019) ‘Em novo ataque, seguranças da fazenda Estrondo “prendem” geraizeiro de Formosado Rio Preto (BA)’ 26 May 2019
https://www.facebook.com/notes/associa%C3%A7%C3%A3o-deadvogadosas-de-trabalhadoresas-rurais-aatrbahia/em-novo-ataque-seguran%C3%A7as-da-fazendaestrondo-prendem-geraizeiro-de-formosado-r/1020263041509182/?_tn_ =H-R

⁷³ Comunicação pessoal entre membros da comunidade e funcionários do Greenpeace, 28 de maio de 2019

⁷⁴ Ordem de libertação e termos de conduta número 0000254-45.2019.805.0081 Cópia mantida pelo Greenpeace Brasil.

⁷⁵ Comunicação pessoal entre membros da comunidade e funcionários do Greenpeace, 28 de maio de 2019

⁷⁶ Ordem de libertação e termos de conduta número 0000254-45.2019.805.0081 Cópia mantida pelo Greenpeace Brasil.

investigações do Greenpeace Brasil identificaram dois silos de armazenamento de propriedade da Cargill e outros dois da Bunge.